

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
23 de Março de 2022
JEAN-DANIEL POLLET – A MATÉRIA DO MUNDO

LE SANG / 1971-72

Um filme de Jean-Daniel Pollet

Argumento: Costas Ferris, Serge Ouaknine, Jean-Daniel Pollet / *Imagem (35mm, cor):* Afonso Beato, Ricardo Stirn / *Montagem:* Jean-Daniel Pollet / *Som:* não identificado / *Interpretação:* os membros da companhia teatral Les Tréteaux Libres de Genève e Claude Melki.

Produção: Ilios Films (Paris) / *Cópia:* digital (transcrita do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 96 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes (Quinzena dos Realizadores), Maio de 1972; distribuição comercial em Paris a 22 de Outubro de 2001 / *Primeira apresentação em Portugal:* Lisboa (cinema Quarteto), no âmbito do ciclo “Quinzaine des Réalisateurs”, Agosto de 1977 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

O genérico do filme não indica nome algum, apenas o título do filme. Os nomes acima mencionados vêm indicados num intertítulo inserido nesta cópia restaurada, posterior ao fim do filme.

Le Sang talvez seja um dos filmes menos vistos de Jean-Daniel Pollet, o que não é nada surpreendente quando se descobre a obra. Apresentado no Festival de Cannes em 1972, na Quinzena dos Realizadores, o filme foi totalmente proibido em França em Outubro daquele ano, facto raríssimo naqueles tempos ultra-tolerantes, por ser “*marcado por uma série de gravíssimas complacências no que refere a crueldade e o desprezo pela vida*”. Estas palavras aludem evidentemente à degola de um javali e de um carneiro, que também são desventrados (além disso, o javali é decapitado e a sua cabeça abanada como um troféu), além da presença de um boi morto com cujo sangue um dos atores se breia. O próprio Pollet parece não ter insistido muito para a difusão do filme e teria hesitado em incluí-lo na retrospectiva da sua obra organizada em 2001 no Centro Pompidou, ano em que **Le Sang** teve uma breve distribuição comercial em Paris. Porém muitíssimo antes disso, apenas cinco anos depois de ter realizado o filme, Pollet já tomara uma atitude de distância em relação a **Le Sang**, como se verifica pela sua brevíssima declaração incluída no programa do cinema Quarteto, em Lisboa, quando o filme ali foi apresentado em Agosto de 1977, com outros vinte e oito títulos estreados em diversas edições da Quinzena e aqui citada na íntegra: “**Le Sang** é uma realização coletiva que já pertence ao passado. Nenhum daqueles que participaram nesta realização pode ou quer ser porta-voz do grupo, nem para resumir o filme, nem para interpretá-lo. Uma produção, depois de concluída, já não pertence àqueles que a conceberam” (terão sido estas linhas escritas especialmente para esta apresentação em Lisboa?).

Entre fins dos anos 60 e início dos 70, não era muito raro que o genérico dos filmes abolisse as funções de cada membro da equipa e que os nomes fossem mencionados ao molho, já que tratava-se de “realizações coletivas”. Em **Le Sang**, Pollet vai mais longe e o filme simplesmente não tem genérico (apenas o título se desenha sobre a imagem, num belo grafismo azul) e por conseguinte não é mencionado nome algum, motivo pelo qual são mencionados após o fim do filme nesta cópia restaurada. No rol dos atores são citados “*Les Tréteaux Libres de Genève e Claude Melki*”, este último cúmplice e parceiro privilegiado de Pollet durante muito tempo, que está aqui absolutamente como um peixe fora da água, o que foi sem dúvida a intenção do realizador, talvez para fissurar a homogeneidade do grupo. O espectador muito atento e informado da presença dela poderá reconhecer a ainda não famosa Maria Schneider, que surge num lampejo, de longe, num plano de grupo. Típicos representantes daquilo que Pasolini definiu, sem intenção pejorativa, como o “*teatro do grito*”, baseado no

princípio da catarse cênica, os Tréteaux Libres de Genève foram um grupo de teatro experimental típico do breve período em que existiu, de 1967 a 1971, que tomou como modelo o Living Theatre, praticando *teatro de intervenção*, com técnicas próximas do *happening*. Na Primavera de 1971 ocuparam um templo protestante abandonado em Genebra onde representaram três espetáculos diferentes. Depois de algumas representações foram presos, encetaram uma greve da fome e aqueles que não eram cidadãos suíços foram expulsos das terras helvéticas. Vieram então para França, onde, segundo as informações dadas por Anne-Marie Sutermeister no *Dictionnaire du Théâtre en Suisse* (2005), fizeram **Le Sang** “*como uma resposta às violências que tinham sofrido. Paradoxalmente, este exercício também fez explodir as contradições e levou à dissolução do grupo*”. Ou seja: quando o filme foi apresentado em Cannes em Maio de 1972 o grupo de teatro que vemos na tela já não existia. Note-se que um dos dois responsáveis pela imagem foi Afonso Beato, que já tinha longa experiência no Brasil e tornara-se conhecido internacionalmente por ter sido o diretor de fotografia de **O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro**, vulgo **Antonio das Mortes**, de Glauber Rocha, em 1969. A fotografia, a articulação visual do filme, é sem dúvida magistral, com enquadramentos extremamente precisos (terá havido algo que se parecesse a ensaios, terão sido feitos mais de um *take* de cada cena?), vastos e complexos movimentos de câmara, que criam a impressão de que tudo é composto por planos-sequência, exceto no trecho final, quando já estamos perto do desenlace.

Muitas importantes conquistas culturais, políticas e artísticas dos férteis anos 60 foram levadas a excessos um tanto auto-destrutivos nos anos 70 e **Le Sang** é exemplo disso. O hermetismo (quase tudo se passa entre os membros do grupo, muito pouco se dirige realmente ao espectador), o irracionalismo regressivo visto como uma forma de libertação, os comportamentos de um narcisismo exacerbado, o aspecto quase ritual de muitos gestos, a escassez de palavras, que quando existem são sempre gritadas, corroborando a definição dada por Pasolini (“*estou aqui para morrer!*” é a primeira frase inteligível a ser pronunciada no filme) têm um resultado paradoxal: ao invés de ser envolvido na ação ou até arrastado para ela por provocação, como pode acontecer num teatro, o espectador é transformado num simples observador daquilo que vê. E o que vemos é um périplo, o périplo de uma companhia de teatro ambulante (este é o sentido da palavra *tréteaux* quando aplicada ao teatro) através de uma série de vales desabitados, cujo espaço é brevemente cortado por dois luxuosos automóveis, um dos quais um *vintage* de coleção e por uma avioneta. Não há, nem pode haver, algo que se assemelhe a uma trama narrativa, que, por definição não existe no *teatro do grito*, onde há gestos mas não palavras. E em **Le Sang** os gestos são quase sempre violentos, talvez para buscar uma “pureza” deliberadamente “selvagem”, liberta das referências culturais, históricas e de algo que se assemelhe a um superego. O sacrifício dos animais é totalmente gratuito (“*matar um javali por uma imagem*” é uma das raras frases inteiras a serem pronunciadas), embora possam sugerir o estado “selvagem” que alguns buscavam neste tipo de teatro, como é ilustrado pela passagem em que um homem nu cobre o corpo com o sangue do boi e põe-se a andar de quatro patas. Ao cabo de cerca de quarenta e cinco minutos há um relativo apaziguamento, marcado pelo surpreendente interlúdio situado num estranho espaço suburbano absolutamente desabitado, talvez ainda em vias de conclusão, cuja arquitetura é estranha e hedionda, espaço tão deserto quanto os planaltos anteriormente percorridos. Mas a violência retorna, quando quatro homens que não pertencem ao grupo surgem e matam uma mulher, depois de violá-la (certamente uma alusão à ação da polícia genebrina contra os Tréteaux Libres). Todo périplo, mesmo feito a esmo, desemboca em alguma parte e o dos personagens de **Le Sang** desemboca no mar, que é um espaço intransponível. O filme tem algo de uma anomalia na obra de Jean-Daniel Pollet e o passar do tempo transformou-o numa espécie de documentário antropológico.

Antonio Rodrigues